



“DAS ESCOLAS DESSE TEMPO”, A ESCOLA MODERNA N.º 1: PERSPECTIVAS DE UMA CULTURA ESCOLAR LIBERTÁRIA NO BELENZINHO – SÃO PAULO

Bruna Novais Prado¹

Mestranda em História (UNIFESP)



<https://orcid.org/0000-0001-7153-0488>

Recebido em: 15 de janeiro de 2025

Aprovado em: 05 de março de 2025

RESUMO

Este trabalho busca discutir a Escola Moderna n.º 1 a partir do viés conceitual de cultura escolar e de alguns elementos (atores, práticas e rituais organizativos), sob a compreensão da historicidade de uma escolarização em formação na cidade de São Paulo. As fontes utilizadas foram os órgãos de propaganda da Escola: o jornal O Início (1914, 1915 e 1916), o impresso Boletim da Escola Moderna (1918 e 1919), alguns jornais da imprensa operária paulista, fotografias da Escola de 1913 e outras fontes secundárias. A Escola Moderna n.º 1 foi uma experiência educacional não-estatal que existiu durante os anos de 1913 a 1919 na cidade de São Paulo, bairro Belenzinho. A pesquisa, fruto de uma Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) realizada nos anos de 2020 e 2021, foi aprofundada

¹ Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História. Orientador: Prof. Dr. Antonio Simplicio de Almeida Neto. Graduada em licenciatura em História (2022) pela mesma instituição. E-mail: bruna.novais@unifesp.br.



em Trabalho de Conclusão de Curso em 2022. Portanto, é um esforço de contribuição à História da Educação.

PALAVRAS-CHAVE

Escola Moderna n.º 1; Cultura Escolar; História da Educação.

Introdução

“Das escolas desse tempo, a mais importante foi a Escola Moderna, do Prof. João Penteadado (...)”². Com essa frase, Jacob Penteadado³ enuncia a Escola Moderna n.º 1 sobre as escolas do bairro Belenzinho na década de 1910. Hoje, ao andarmos no bairro, não é possível encontrarmos os rastros físicos da Escola Moderna n.º 1, que funcionou entre os anos de 1913 a 1919. Os locais em que Escola Moderna n.º 1 esteve situada foram: Rua Conselheiro Cotegipe, nº 26 (1913); Rua Saldanha Marinho, nº 66 (1913-1915); e Avenida Celso Garcia, nº 262 (1915-1919). Visto que estava localizada em casas comuns, provavelmente alugadas, estes espaços foram modificados e/ou derrubados devido as transformações sofridas no bairro.

² PENTEADO, Jacob. *Belenzinho, 1910: retrato de uma época*. 2. ed. São Paulo: Carrenho Editorial / Narrativa Um, 2003. p. 263.

³ Jacob Penteadado foi um memorialista e cronista paulista que residiu no Belenzinho durante os anos de 1900-1910.



Segundo Flávio Luizetto, a Escola Moderna nº 1 “(...) foi a primeira iniciativa sistematizada de que se tem notícia (...) para fazer funcionar, no Brasil, um estabelecimento escolar formal baseado no ensino racionalista”⁴. Apesar das condições de sua existência, a instituição conseguiu ter uma existência relativamente longa, além de ter servido de modelo para outras experiências escolares/educacionais em São Paulo e em outros lugares do Brasil⁵.

Alguns historiadores, como Flávio Luizetto e Regina Jomini, que realizaram investigações aprofundadas, estabeleceram o marco fundador de sua criação em 13 de maio de 1912 e o seu término no ano de 1919⁶. Ao analisarmos os jornais da imprensa operária paulista desde o ano de 1909, sobretudo o jornal *A Lanterna*, observamos o intento da criação de uma Escola Moderna em São Paulo, inspirada no modelo da Escola Moderna de Barcelona⁷. Entretanto, ao partirmos do ano de 1913 como o ano de sua fundação, entendemos que a Escola Moderna nº 1 já estava consolidada a partir de um espaço físico, não somente como uma ideia a ser executada⁸.

⁴ LUIZETTO, Flávio Venâncio. “Presença das idéias de Ferrer no Brasil: o exemplo da “Escola Moderna nº 1” de São Paulo”. *Educació i Història*: revista d'història de l'educació, 1994. p. 57.

⁵ LUIZETTO, Flávio Venâncio. “Presença das idéias de Ferrer no Brasil”. Idem. p. 58.

⁶ LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional (1900-1920)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Carlos: [s.n.], 1984; JOMINI, Regina Celia Mazoni. *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha*. Campinas, SP: Pontes, 1990.

⁷ *A Lanterna*, 30 de outubro de 1909. p. 4.

⁸ *A Lanterna*. 31 de maio de 1913, p. 3.



Conquanto haja um consenso sobre o ano em que a instituição foi encerrada, em 1919, a afirmação do ano exato de fundação não foi problematizada pela historiografia que nos antecede. Douglas Leutprecht, um dos primeiros historiadores a questionar a data de fundação⁹, defende a criação da Escola Moderna n.º 1 em 1913 a partir das descrições do jornal *A Lanterna*, referente aos anos de 1909 a 1913. Ao propor a hipótese de uma memória cristalizada ou de uma intencionalidade da própria Escola Moderna n.º 1, fizemos o mesmo caminho que o autor. Investigamos as edições *d'A Lanterna* e de outros impressos operários. Por isso, temos acordo com a hipótese de Leutprecht.

No que diz respeito a documentação investigada, as fontes primárias utilizadas na pesquisa e que, de forma geral, estão descritas neste trabalho são: os impressos escolares da Escola Moderna n.º 1, isto é, as três edições do jornal *O Início* (1914; 1915; 1916) e três edições do impresso *Boletim da Escola Moderna* (1918; 1919 – março e maio); e uma fotografia da Escola (1913). Tal documentação nos foi disponibilizada pelo Acervo João Penteado, localizado no Centro de Memória da Faculdade de Educação da USP. Além

⁹ LEUTPRECHT, Douglas Bahr. *Educação e anarquismo em movimento: apropriações da pedagogia racionalista no Brasil e nos Estados Unidos (1913-1925)*. Joinville/SC: Ambiente Arejado Publicações, 2019. p. 138-142. Embora não sejam descritas as fontes, o trabalho de Francisco Foot Hardman menciona o surgimento da Escola Moderna n.º 1 no ano de 1913. Cf. HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão: Vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 70.



disso, apresentamos aqui algumas edições do jornal anticlerical *A Lanterna* (1909-1916) e *A Terra Livre* (1910)¹⁰.

Neste trabalho, trazemos a discussão sobre a cultura escolar da Escola Moderna n.º 1 e seus elementos¹¹. A partir de Dominique Julia entendemos que a cultura escolar é um objeto histórico e

(...) não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. (...) poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos¹².

¹⁰ O periódico *A Lanterna: Folha Anti-Clerical de Combate* (SP), 1909 a 1916, se encontra digitalizado no site da Biblioteca Digital, da Fundação Biblioteca Nacional. Já o jornal *A Terra Livre* (SP), 1910, está no repositório da Hemeroteca da Biblioteca Digital Unesp. Ver em: “Hemeroteca”. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/browse/title?scope=30cace4a-d4f8-43d1-a8c5-216dfba636a3&bbm.page=1&startsWith=Terra%20Livre>. Acesso em 13 de janeiro de 2025.

¹¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso (2022) que, por sua vez, deu seguimento ao que foi introduzido na pesquisa de Iniciação Científica (2020-2021). Para esta abordagem, foi preciso um recorte acerca da documentação e sobre a discussão do tema-problema. Para a relação da documentação, ver em: PRADO, Bruna Novais. “Corações e Mentres do Belenzinho: Invenções e combinações de uma cultura escolar libertária e do espaço na Escola Moderna n.º 1 (1913-1919)”. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). EFLCH/UNIFESP. Guarulhos, 2022.

¹² JULIA, Dominique. JULIA, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico”. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n.1, p. 9-43, jan/jun. 2001. p. 10.



Além disso, buscamos analisar a cultura escolar da Escola a partir de alguns elementos que configuram as culturas escolares¹³. Segundo Antonio Viñao Frago: os atores do estabelecimento de ensino (alunos, professores, pais e membros da comunidade); discursos, conceitos e modos de comunicação da escola; aspectos organizativos e institucionais pelas práticas e rituais escolares¹⁴.

Por isso, o trabalho se justifica como tentativa de aproximação de um diálogo das teorias do currículo, da cultura escolar e da história da educação brasileira. Durante a realização da pesquisa até o presente momento, os estudos realizados não se voltaram para a dimensão da invenção de uma cultura escolar da Escola Moderna nº 1, a partir deste referencial teórico.

Ideários, influências e a formação da Escola Moderna n.º 1

A Escola Moderna n.º 1 foi um estabelecimento de ensino não-oficial. Deste modo, não contava com o apoio do governo paulista para o seu funcionamento. Como veremos, houve uma estratégia organizativa pelos grupos responsáveis da Escola. Além das festas, comemorações e mensalidades cobrada ao alunado, para a garantia de sua

¹³ FRAGO, Antonio Viñao. *Sistemas educativos, culturas escolares e reformas*. Portugal, Mangualde: Edições Pedago, 2007. p. 95-97.

¹⁴ FRAGO, Antonio Viñao. Idem. p. 87-89.



manutenção. Como descrito nos *Annuarios do Ensino do Estado de São Paulo*¹⁵, a Escola Moderna n.º 1 era um estabelecimento de ensino particular, “não subvencionado ao Estado”¹⁶.

Por conseguinte, a Escola Moderna n.º 1 foi inspirada na Escola Moderna de Barcelona, o modelo precursor das Escolas Modernas no mundo, que existiu nos anos de 1901 a 1906. Esta instituição foi proposta pelo catalão Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909). Ferrer, como é conhecido, foi um pensador e educador que esteve ligado às ideias científicas, anticlericais e socialistas-libertárias do final do século XIX e início do XX¹⁷. Ferrer sofreu perseguição e prisão pelas autoridades políticas e religiosas da Espanha, ao que levou o fechamento da Escola Moderna de Barcelona em 1906, e a sua morte por

¹⁵ As edições do *Anuario* de 1913 menciona a Escola Moderna n.º 1 na página “Relação dos estabelecimentos de ensino, não-subvencionados, mantidos por particulares”. Ver em: *Anuario do Ensino do Estado de São Paulo*, 1913. p. 82, 83. Em edições posteriores, até 1918 por exemplo, o *Anuario* modificou alguns dos termos utilizados, mas sempre prezou pela classificação entre: escolas oficiais, particulares (subvencionadas, não-subvencionadas, estrangeiras, etc.). Os *Annuarios do Ensino do Estado de São Paulo* estão no Acervo Digitalizado do Arquivo Público do Estado de São Paulo. “Anuários do Ensino (seleção de documentos”. Disponível em: https://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/bibliografico_periodico/anuarios_ensino. Acesso em 14 de janeiro de 2025.

¹⁶ Sobre o ideário da Primeira República para a construção do ensino público, as reformas, as tipologias das escolas primárias oficiais e o modelo dos Grupos Escolares, ver respectivamente em: CARVALHO, Marta. *A Escola e a República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.; JOMINI, Regina Celia Mazoni. Idem. p. 38. MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. VIDAL, Diana Gonçalves. “Tecendo história (e recriando memória) da escola primária e da infância no Brasil: os Grupos Escolares em foco”. In: VIDAL, Diana Gonçalves. (Org.) *Grupos Escolares: Cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil - 1893-1971*. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 5.

¹⁷ LEUTPRECHT, Douglas Bahr. Idem. p. 56-70.



fuzilamento, em 13 de outubro de 1909. Este evento teve uma imediata repercussão internacional e alcançou os círculos anarquistas e anticlericais no Brasil¹⁸. Logo após a reverberação da sua morte, houve uma mobilização propagandística em prol da implementação de uma Escola Moderna em São Paulo¹⁹. Ademais, o contexto de organização das lutas do movimento operário em São Paulo foi outro fator para a construção de uma escola destinada à classe trabalhadora²⁰.

Dito isso, os esforços de organização de uma Escola Moderna no Brasil surgiram a partir do ano de 1909. É possível olhar para os recursos levantados para a organização do prédio, bem como a germinação do planejamento da escola, dada a criação do Comitê Pró-Escola Moderna (posteriormente, denominado como Sociedade Escola Moderna de São Paulo)²¹. Este grupo foi encarregado da organização das Escolas Modernas no estado de São Paulo²². Compreende-se que houve ali um grande esforço e empenho organizativo.

¹⁸ *A Lanterna*, “Giordano Bruno em pleno Seculo XX”, 17 de outubro de 1909. p. 1.

¹⁹ *A Lanterna*, “Escola Moderna”, 20 de novembro de 1909. p. 3. *A Lanterna*, “A Escola Moderna em S. Paulo”, 18 de dezembro de 1909. p. 1.

²⁰ CASTRO, Rogério Cunha de. *Nem prêmio, nem castigo! A Escola Moderna como ação revolucionária dos operários durante a Primeira República (São Paulo, 1909-1919)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2014. p. 118. Leutprecht expõe que a organização de um Comitê estava, também, na ordem das decisões do 1º Congresso Operário Brasileiro de 1906, envolto na criação de escolas livres para os operários. Ver: LEUTPRECHT, Douglas Bahr. Idem. p. 134.

²¹ *A Lanterna*, “Escola Moderna”, 20 de novembro de 1909. p. 3.

²² LEUTPRECHT, Douglas Bahr. Idem. p. 134-141.



Ao analisarmos as fontes da imprensa operária paulista durante os primeiros anos do século XX, percebemos que a organização da Escola Moderna nº 1 partiu, principalmente, de militantes anarquistas de São Paulo. No entanto, contou com o apoio de setores da classe operária e socialistas, além de uma sociedade maçônica²³.

Um dos agentes principais da Escola Moderna nº 1 foi o anarquista João Penteado (1877-1955), um militante ativo no movimento, na imprensa operária e anticlerical no estado de São Paulo. Penteado foi professor e diretor da Escola Moderna nº 1 durante todo o período em que a instituição esteve de portas abertas. Provavelmente, ele foi escolhido para a empreitada de uma escola no Belenzinho, devido ao seu autodidatismo intelectual e experiências profissionais²⁴.

A nomenclatura “nº 1” se deu porque a Escola foi, de fato, a primeira Escola Moderna instituída em São Paulo (possivelmente do Brasil). No mesmo ano de 1913, foi criada a Escola Moderna nº 2 no bairro do Brás, dirigida pelo anarquista Adelino Tavares de Pinho²⁵. De acordo com Luizetto, foram criadas, no ano de 1914, Escolas Modernas

²³ Sabemos que uma investigação sobre os integrantes, a composição social e profissional do Comitê/Sociedade Escola Moderna de São Paulo é de grande importância para os estudos da Escola Moderna nº 1. Ver: JOMINI, Regina Celia Mazoni. Idem. p. 21. Para a leitura dos nomes dos organizadores, ver: *A Terra Livre*, “A Escola Moderna em S. Paulo”, 19 de janeiro de 1910. p. 4.

²⁴ *A Lanterna*, “Escola Livre”, 31 de maio de 1913, p. 3. Ver também: LEUTPRECHT, Douglas Bahr. Idem. p. 126, 127.

²⁵ LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil*. Idem. p. 272, 273.



nos municípios de Bauru e Cândido Rodrigues. Além da Escola Moderna de São Caetano em 1918²⁶.

Sobre o fechamento da Escola Moderna n.º 1, o pretexto do governo paulista foi um acidente que envolveu a explosão de uma bomba, numa casa da Rua João Boemer no bairro do Brás. Houve a morte de quatro militantes anarquistas, entre estes José Alves, o diretor da Escola Moderna de São Caetano. Sob a lei estadual n.º 1.579, de 19 de dezembro de 1917, o Diretor de Instrução Pública do Estado de São Paulo, Oscar Thompson, ordenou o fechamento da Escola Moderna n.º 1, da Escola Moderna n.º 2 e das outras semelhantes que se encontravam em funcionamento pelo estado²⁷.

O ensino racionalista da Escola Moderna nº 1

No que concerne ao projeto pedagógico do estabelecimento de ensino, a Escola Moderna n.º 1 tinha uma inspiração no programa de ensino racionalista, defendido por Ferrer e posto em prática na Escola Moderna de Barcelona. Neste ínterim, Luizetto defende que a proposta da Escola Moderna de Barcelona nasceu do esforço de Ferrer e de outros ajudadores a partir da influência dos anarquistas; no âmbito do Programa

²⁶ LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil*. Idem. p. 274, 275.

²⁷ LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil*. Idem. p. 267-272. Os anexos da documentação sobre o fechamento das Escolas Modernas estão descritos na tese de Flávio Luizetto. Ver: SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Interior. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Altino Arantes. Presidente do Estado, pelo Secretário do Interior, Oscar Rodrigues Alves. 1919. São Paulo, s/d., p. 9-13. In: LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil*. Idem. p. 294-301.



Educacional do Comitê para o Ensino Anarquista de 1862. Ademais, da proposta de *Instrução Integral*, a não-separação entre o ensino intelectual e o ensino manual²⁸.

Entretanto, esse modelo de ensino racionalista também sofreu influência dos repertórios cientificistas do seu contexto, justamente pela relação que Ferrer teve com os setores intelectuais e políticos dos republicanos, além dos maçons²⁹. Elementos regeneracionistas, naturalistas e evolucionistas, ganharam força no discurso do ensino racionalista e intuitivo de Ferrer³⁰. Em síntese, Leutprecht apresenta o ensino racionalista:

O modelo pedagógico racionalista foi construído baseado no Programa Educacional do Comitê para o Ensino Anarquista. De modo geral, caracterizava-se pelos seguintes elementos: educação científica e racional, coeducação social e de gênero, educação integral e higiene da infância. Em relação ao primeiro, Ferrer acreditava em uma educação pautada nas Ciências Naturais que pudesse (...) desconstruir as ideias falsas da sociedade, especialmente aquelas que sustentavam a injustiça e a desigualdade. Aliado a seu positivismo científico, o modelo pedagógico da Escola Moderna de Barcelona será caracterizado pelo princípio da educação integral, com orientação tanto antiestatal quanto anticlerical³¹.

É importante acentuar que a experiência da Escola Moderna n.º 1 não foi uma cópia e nem uma importação da Escola Moderna de Barcelona. Mas, pela representação

²⁸ LUIZETTO, Flávio Venâncio. *Presença do Anarquismo no Brasil*. Idem. p. 238.

²⁹ LEUTPRECHT, Douglas Bahr. Idem. p. 59-62.

³⁰ FERRER Y GUARDIA, Francisco. *A Escola Moderna*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014. p. 60.

³¹ LEUTPRECHT, Douglas Bahr. *Ibid.*, p. 80.



de Francisco Ferrer y Guardia, a influência do modelo pedagógico racionalista cativou os grupos que organizaram a Escola Moderna nº 1.

Esta inspiração passava pelos paradigmas libertários e antiestatais. Havia uma busca por uma “consciência de classe”, internacionalista e antibélica, além de uma premissa anticlerical pela emancipação das práticas religiosas³². No entanto, a ideia regente que atrelava os dois pontos, a qual os anarquistas desta época muito dialogavam, era a noção de que a ciência e a racionalidade também era um agente emancipador das consciências³³.

Este fator é perceptível na primeira página do jornal *O Início* de 1914: “A luz dissipa as trevas. A razão emancipa as consciências”³⁴. No mesmo ano, em um artigo escrito por João Penteado no jornal *A Vida*, o professor propõe que a criação de escolas racionalistas era necessária para a transformação social, em vista a influência que o Estado e a Igreja Católica exerciam nas escolas³⁵.

Além da defesa geral do ensino racionalista, a Escola Moderna n.º 1 oferecia um ensino primário para meninos e meninas, menores e adultos³⁶ da classe trabalhadora. Moraes e Santos demonstram a inspiração da Escola Moderna n.º 1 no currículo

³² *A Lanterna*, 15 de maio de 1915; *O Início*, “A Guerra”, 5 de setembro de 1914. p. 2.

³³ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. p. 183-209.

³⁴ *O Início*, 05 de setembro de 1914, nº 1; *O Início*, 04 de setembro de 1915, nº 2; *O Início*, 19 de agosto de 1916, nº 3.

³⁵ *A Vida*, “As escolas e sua influencia social. O ensino oficial e o ensino racionalista”. 31 de dezembro de 1914. p. 8, 9.

³⁶ *A Lanterna*, “Escola Moderna n. 1”, 11 de outubro de 1913. p. 4.



racionalista, pela premissa que meninos e meninas, homens e mulheres, deveriam estudar juntos³⁷.

Conforme anúncio n^o A *Lanterna* em 04 de outubro de 1913, o programa da Escola Moderna n^a 1 – como era chamado – constava do ensino de português, aritmética, geografia e princípios das ciências naturais, de modo que seria ampliado, caso o ensino racionalista fosse aceito *da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado*³⁸. Durante a sua trajetória, a Escola Moderna n.º 1 também anunciou cursos profissionais, como desenho, costura, música e datilografia. Embora as fontes demonstrem que a oferta dos cursos não se deu de forma linear.

Quanto aos impressos escolares, a Escola Moderna n.º 1 produziu em seu interior jornais e boletins. Eram materiais que buscavam apresentar as atividades desenvolvidas pelos alunos. Tinham, também, uma natureza propagandística, pois buscava divulgar o ensino racionalista para a população. Assim, publicavam textos, uma lista anual dos alunos matriculados, exercícios de descrição feitos pelos alunos, passeios e festas realizados, além do programa de ensino oferecidos (disciplinas e cursos).

³⁷ MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; SANTOS, Débora Pereira dos. “A Coeducação Sexual na Escola Moderna n.º 1”. In: MORAES, Carmen Sylvia Vidigal, (org). *Educação Libertária no Brasil – Acervo João Pentecostado: Inventário de Fontes*. São Paulo: Fap – Unifesp: Edusp, 2013. p. 119-137.

³⁸ *A Lanterna*, 04 de outubro de 1913. p. 2.



A cultura escolar da Escola Moderna nº 1

Como dito, partimos do conceito de cultura escolar, sob Dominique Julia e Antonio Viñao Frago, para caracterizar a Escola Moderna nº 1. Posto que a Escola Moderna nº 1 foi influenciada pelo modelo racionalista de Barcelona, o que denominamos de uma cultura escolar de criações e combinações, não foi uma importação.

Compreendemos que houve um embasamento do que denominamos “repertório de escolarização”³⁹. Isso significa que a Escola Moderna nº 1 estava inserida em um contexto e poderia reproduzir o que se conhecia sobre a formação de uma escola enquanto tempo, espaço e normas escolares. Assim, estava sujeita as condições históricas de seu tempo. Para isso, fizeram uso de uma forma escolar⁴⁰, que estava em desenvolvimento em São Paulo, e de elementos da cultura escolar do contexto para construírem um estabelecimento de ensino de cunho racionalista.

A crítica ao ensino oficial paulista, feita pelos organizadores e propagandistas da Escola Moderna nº 1, não significaram uma ruptura completa. Na realidade, a instrução baseada nos preceitos da ciência também era uma característica do ensino oficial⁴¹. Não

³⁹ PRADO, Bruna Novais. Idem. p. 28.

⁴⁰ VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernad; THIN, Daniel. “Sobre a história e a teoria da forma escolar”. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, jun.2001. p. 10-35.

⁴¹ CARVALHO, Marta. Idem. p. 23.



obstante, os dogmas e as finalidades políticas tivessem uma grande diferença em relação ao projeto revolucionário do movimento anarquista.

Posto isso, ao partirmos da investigação das fontes primárias da Escola e de outros documentos, buscamos trabalhar com a ideia dos elementos propostos por Frago. Assim, dividimos alguns desses elementos da cultura escolar, mesclando-os sob a ideia de “atores e rituais da Escola Moderna nº 1”, a partir das coeducações, da comunidade e das festas escolares.

As coeducações

O que Leutprecht chama de “coeducação social e de gênero”, eram denominados por Ferrer, em sua origem, de “coeducação das classes sociais e de ambos os sexos”. A primeira - um tanto romântica e ingênua - que crianças ricas e pobres deveriam estudar juntas, pois diminuiria as desigualdades sociais e criaria um espírito de solidariedade desde a tenra idade. Também, o pressuposto de que meninos e meninas deveriam ter uma instrução conjunta, sem uma separação nas turmas.

A denominação de “coeducação de sexos”, ou uma coeducação de meninos e meninas, foi um dos princípios defendidos pelo programa de ensino racionalista da Escola Moderna nº 1 defendia. No início do século XX, um dos objetivos da cultura escolar dos grupos escolares de São Paulo, foi a abrangência do ensino misto. Segundo Carra,



existiram classes mistas devido aos recursos financeiros de alguns grupos escolares. No entanto, era comum a diferenciação: “classes separadas por sexo, atividades específicas para um ou outro sexo, uso de parte dos espaços escolares em horários diferentes, portões de entrada separados”⁴².

Ao analisarmos os jornais *O Início* e *Boletim da Escola Moderna* observamos contrastes em relação aos aspectos de gênero. Desta maneira, pelos nomes dos alunos e alunas e por uma estimativa da quantidade de matriculados e matriculadas ao longo da existência da Escola⁴³. Quanto aos cursos oferecidos, foi possível questionar algumas separações de gênero, algo comum também à época⁴⁴.

Tanto as edições do jornal *O Início*, quanto o *Boletim da Escola Moderna*, descrevem os alunos matriculados nos anos correspondentes, divididos por uma seriação. Embora a impossibilidade de encontrar a origem étnica/nacional desse alunado, identificamos alguns com sobrenomes que sugerem uma origem estrangeira, como italianos, espanhóis ou portugueses. Os sobrenomes tidos como “brasileiros”, também são difíceis de mensurar, pela similaridade com os nomes de origem portuguesa.

⁴² CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto. “Escola mista? Coeducação? Um desafio histórico para a educação de meninos e meninas”. *Cadernos de História da Educação* (Online), v. 18, n. 2, mai/ago, 2019. p. 556.

⁴³ PRADO, Bruna Novais. Idem. p. 73-76.

⁴⁴ *A Plebe*, “Escola Moderna N. 1”, 09 de junho de 1917. p. 4. Ver: PRADO, Bruna Novais. Idem. p. 77,78.



O *Início*, de 1915, apresenta alguns nomes das aulas diurnas: Victor Minieri, Lourenço Minieri, Joaquim de Carvalho, Isabel Gregorio, Lucília Haas, Marcelina Bari, Edmundo Mazzone, Antonieta Moraes, Bruno Bertolaccine e outros⁴⁵. Nas aulas noturnas: Jâcomo Rômulo, Pasqualino Rômulo, José Romero de Castillos, Agdão Maria Rodrigues, Adelina Toffoli, Rosa Favaron, etc⁴⁶.

Neste sentido, percebe-se alguns sobrenomes que tinham uma origem imigrante, sobretudo a proeminência de nomes italianos. Além disso, algumas crianças apresentam sobrenomes iguais, ao que poderiam ser irmãos e irmãs matriculados juntos na Escola. Infelizmente, pela escassez de informações, não foi possível estimar quem eram essas pessoas, seu nome, sua origem, sua idade, etc.

Ainda que haja proeminência de sobrenomes estrangeiros (de origem europeia) nas fontes, é importante mensurar a participação dos alunos brasileiros e racializados, enquanto pessoas negras. É preciso desnaturalizar a perspectiva de que havia somente imigrantes europeus no Belenzinho. A população negra de origem africana ou afrodescendente da cidade de São Paulo foi, na Primeira República, expulsa das regiões centrais para zonas de várzeas, chácaras, o que era então o Belenzinho⁴⁷.

⁴⁵ O *Início*, 4 de setembro de 1915, p. 4.

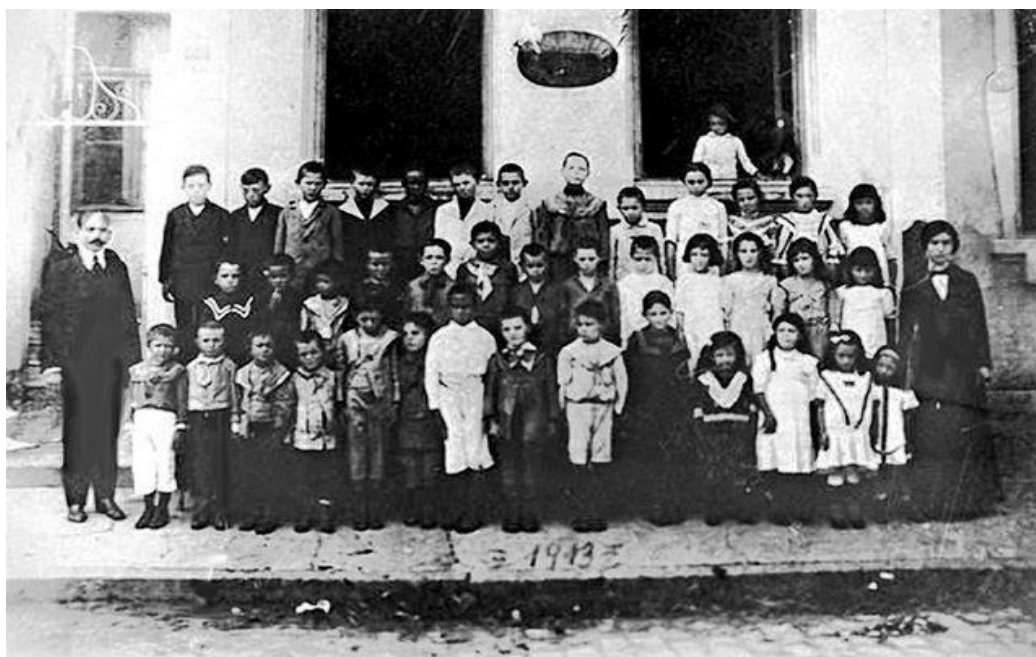
⁴⁶ O *Início*, 4 de setembro de 1915, p. 4.

⁴⁷ ROCHA, Fábio Dantas. "Saíndo das sombras: relações raciais e moradia na São Paulo pós-abolição (1890-1930)". XXIV Encontro Estadual da ANPUH-São Paulo: História e Democracia: precisamos falar sobre isso, Guarulhos: 2018. p. 12-14.



Neste sentido, é uma tentativa de capturar alguns resquícios do cotidiano da população negra no Belenzinho, neste caso, pela instrução popular oferecida na Escola Moderna n.º 1. Conforme uma das únicas fotografias da Escola Moderna n.º 1, datada de 1913, podemos identificar a presença de algumas crianças negras, além da evidência de meninos e meninas na classe:

Figura – A Escola Moderna n.º 1 à Rua Saldanha Marinho, n.º 66, Belenzinho. 1913. Centro de Memória da Educação (CME). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP).



Leutprecht, ao afirmar que a coeducação racial era uma prática na Escola Moderna n.º 1, aponta que o abolicionismo exerceu uma influência em João Penteado⁴⁸. Um dos

⁴⁸ LEUTPRECHT, Douglas Bahr. Idem. p. 159. “Lá não se incute, mas demonstra-se praticamente às crianças, que os humanos de todas as raças e de todas as cores são igualmente dignos de respeito, sendo todos igualmente susceptíveis das mesmas qualidades e das mesmas aptidões, comtando que sejam



fundamentos do ensino racionalista era proporcionar à criança – e aos adultos – uma educação sem preconceitos. Além disso, ressaltava como a opressão de classe, o problema da religião e os conflitos nacionais eram prejudiciais à classe trabalhadora.

As festas escolares na comunidade

As expressões das festas e quermesses, uma característica da cultura operária dos anarquistas e do movimento operário⁴⁹, foram também utilizadas como formas de sociabilidade e aprendizagem na Escola Moderna n.º 1. Envolvia não somente os alunos, mas os pais e demais membros da comunidade do Belenzinho. Além de subsidiar o financeiro da Escola, tais festas de propaganda “eram realizadas geralmente em salões ou [em] espaços ligados ao movimento operário (como a própria escola)”, de acordo com Leutprecht⁵⁰.

Como mencionado, um dos objetivos era que o ensino racionalista tivesse apoio e adesão da população paulistana. Logo, os textos propagandísticos deixam evidentes que a proposta da Escola Moderna n.º 1 era realmente aproximar a comunidade. Conforme um texto de João Penteado disposto em *A Lanterna*, de 25 de julho de 1914: “além de

favorecidos pelas mesmas circunstâncias”, *A Lanterna*, “Escola Moderna de S. Paulo – Resultados moraes e intelectuais do ensino ministrado pela Escola Moderna”, 31 de janeiro de 1914. p. 1.

⁴⁹ HARDMAN, Francisco Foot. Idem. p. 32-44.

⁵⁰ LEUTPRECHT, Douglas Bahr. Idem., p. 161.



atrair os filhos dos trabalhadores, (...) são nelas realizadas, quasi todos os mezes, festas escolares, nas quais tomam parte os professores e respectivos alunos”⁵¹.

A Escola envolvia seus alunos e alunas na organização e consecução das festas. As crianças participavam do levantamento de fundos para arrecadação de prendas, a fim de serem vendidas nas quermesses, e angariavam dinheiro para que o órgão de propaganda da Escola fosse publicado. Do mesmo modo, os alunos eram protagonistas da programação festiva: declamavam poesias, liam diálogos e textos, representavam alegorias e peças teatrais, e entoavam canções de caráter infantil e libertárias⁵².

Leutprecht demonstra que as festas de propaganda da Escola Moderna n.º 1 tinham um caráter doutrinário. Isso significa que, embora manifestassem a proposição de uma neutralidade nas práticas escolares, havia nitidamente um caráter político. Tanto no sentido da proposta da instrução científica e racionalista, como nas concepções que se aproximavam dos discursos anarquistas.

Isso é perceptível pela temática das festas e até pelos textos que inauguram as edições do *Boletim da Escola Moderna*. Respectivamente, nas três edições do Boletim de 1918 e 1919, os títulos eram os seguintes: “Homenagem a Francisco Ferrer”, “Salve, 18 de Março!” e “Salve 1º de Maio”.

⁵¹ *A Lanterna*, “Sobre a Escola Moderna”, 25 de julho de 1914. p. 2.

⁵² LEUTPRECHT, Douglas Bahr. op. cit.



Ainda que houvesse comemorações sem um tema específico⁵³, a maioria das festividades se relacionavam a datas históricas importantes para a classe trabalhadora. Sendo assim, foram comemorados na Escola Moderna n.º 1 datas internacionais e nacionais como: o 1º de maio (Dia do Trabalhador), o 18 de março (Comuna de Paris), o 13 de maio (Abolição da Escravatura no Brasil), 14 de julho (“Tomada da Bastilha”), o 13 de outubro (memória à morte de Ferrer) e 12 de novembro (“sessão comemorativa do 29º aniversário da execução dos mártires de Chicago”)⁵⁴.

Uma das principais teses de Jomini é de como os libertários, neste caso a Escola Moderna n.º 1, visavam ensinar história à comunidade por meio dos eventos festivos. Para Jomini: “o ensino de História extrapolava as salas de aula e invadia os espaços de lazer. (...) procurava passar uma visão de História coerente com as idéias de mudança social”⁵⁵.

Os rituais festivos escolares não foram uma invenção da Escola Moderna n.º 1. Da mesma maneira que o movimento operário se apropriou e reinventou muitas tradições religiosas de suas culturas, ao transformá-las em uma ferramenta política⁵⁶, as festividades

⁵³ O *Início*, “Festa escolar e quermesse em benefício da Escola Moderna de S. Paulo – Na aprazível Vila Taide”, 5 de setembro de 1914. p. 3

⁵⁴ JOMINI, Regina Celia Mazoni. p. 99. Cf. *A Lanterna*, “11 de novembro – Comemorando os mártires de Chicago – Na Escola Moderna n. 1”, 19 de novembro de 1916. p. 3.

⁵⁵ JOMINI, Regina Celia Mazoni. Idem. p. 100.

⁵⁶ TOLEDO, Edilene. “A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República”. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (Org.). *A formação das tradições (1890-1945)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007. p. 55.



eram também uma característica da cultura escolar das escolas primárias paulistas na Primeira República.

Circe Bittencourt, ao partir de Eric Hobsbawm sobre a invenção das tradições, expõe as atividades nas escolas oficiais: comemorações a partir de “datas nacionais”, hasteamento da bandeira nacional e entoação de hinos pátrios, assim como a criação de festividades e rituais que intitulada de “cívicas”⁵⁷. Conforme Bittencourt, a proposta da Escola Moderna n.º 1 tinha um projeto de educação oposto ao projeto das escolas do Estado:

Comparando-se as comemorações entre escolas oficiais e as que eram dirigidas pelos anarquistas, assim como o momento em que foram construídas, é possível perceber o confronto entre os diversos projetos educacionais em toda a sua extensão. A determinação de Oscar Thompson em fechar as Escolas Modernas representou a segurança para que fosse possível implementar o projeto de uma escola “única”, capaz de transmitir uma única cultura, um conjunto único de tradições, uma única História⁵⁸.

Considerações finais

Apesar de tais rituais, característicos das culturas escolares em construção na década de 1910, observamos que havia rupturas na cultura escolar da Escola Moderna n.º 1. Envolvida neste espectro, a Escola Moderna n.º 1 capturou em sua própria experiência

⁵⁷ BITTENCOURT, Circe Maria F. *Pátria, Civilização e Trabalho. O ensino de História nas escolas paulistas (1917-1939)*. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p. 163-165.

⁵⁸ BITTENCOURT, Circe Maria F. *Idem*. p.197.



elementos do seu contexto. Assim, ao inventar, definir e combinar a sua cultura escolar com outras culturas escolares. Neste caso, apesar das combinações, foi ainda uma cultura escolar de características específicas, portanto libertária.

Para esta abordagem, não seria possível apresentarmos todos os elementos da cultura escolar da Escola Moderna n.º 1. Por exemplo, as questões que envolvem o espaço físico escolar e demais lugares de aprendizado; o professorado e os impressos escolares. Além disso, é necessária uma investigação histórica sobre o ensino racionalista a partir de alguns problemas: o estabelecimento de diferenças históricas entre programa de ensino, método e currículo; se havia uma divisão seriada entre os alunos; como eram descritos os matérias escolares e os exercícios de descrição dos alunos; por fim, de como podemos apreender historicamente o ensino racionalista da Escola Moderna n.º 1. Pretendemos apresentar e trabalhar estes questionamentos direcionados ao objeto em investigações futuras.



Revista de História

Universidade Federal da Bahia